

“Je vous salue, ruines solitaires”. QUANDO A TRICENTENÁRIA PIA BATISMAL DE SÃO BORJA FOI “REVESTIDA” PELA IGNORÂNCIA HUMANA

Rodrigo Maurer¹

Resumo: Esse artigo foi pensado com vistas a atualizar e denunciar um novo caso de descaso para com o patrimônio missioneiro da localidade de São Borja, RS. Resulta e acaba colocando sob suspeita as garantias que ficam resguardados aos patrimônios no que tange a preocupação de salvaguarda daqueles. Pensando na evolução do descaso e já sumarizando o uso de alguns tópicos a serem abordados ao longo da leitura, a investigação de momento foi construída no afogadilho do evento a fim de denunciar o mau feito à memória patrimonial barroca.

Palavras-chave: memória patrimonial; descaracterização da arte barroca; letramento do descaso.

AMPARANDO O IMPARÁVEL: QUE PESO TEM O PASSADO DE UM PATRIMÔNIO?

“[...] nosso problema é descobrir aquilo que é comum de todos”.

Lévi-Strauss

Já não é de hoje que investigadores do mundo inteiro acusam o labor artístico que resultou da relação estabelecida entre os jesuítas e as comunidades originárias do Paraguai colonial entre os séculos XVII e XVIII. De um convívio um tanto singular surgiu o estilo de arte que chamamos barroco. Por vezes, surpreendemo-nos com o arrojo desferido por tais patrimônios. E, não por acaso é muito comum admiti-las como peças únicas, haja vista a particularidade que compõe o afresco artístico. Situações desta natureza não se fazem diferentes na pacata municipalidade de São Borja, estado do Rio Grande do Sul².

Sem perder tempo e chamando atenção de imediato para o que de fato importa: reconhecer a ignorância que foi praticada junto a um patrimônio com mais de três de séculos, convido o leitor a fazer uma breve pausa a fim de que passe os olhos e possa

¹Historiador. Doutor em História PPGH-UFSM. Professor Substituto na Universidade Federal do Pampa, campus de São Borja –RS.

²Atualmente, São Borja é uma municipalidade que esta compreendida na região da Fronteira-Oeste do estado do Rio Grande do Sul. Nos marcos geopolíticos modernos é uma localidade que faz divisa com Santo Thomé, província de Corrientes. Os últimos índices do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), atestam que a população esta em torno de 62.000 habitantes. Os índices atestam uma relação de dependência para com o agronegócio e colheita de plantio. No âmbito turístico-formal é uma das poucas localidades do estado a comportar o reconhecimento estadual de “Cidade Histórica” (vide: decreto estadual de 1994). No que tange o aproveitamento dessas informações acompanhar a seguinte produção: PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo; RETAMOSO, Alex Sander. Comunidades tradicionais, marcadores territoriais e identidades sociais: um novo pensar do desenvolvimento territorial transfronteiriço entre antigas reduções missioneiras. In: *Perspectiva Geográfica*. Marechal Cândido Rondon, Ed. Esp., v. 11, p. 105-116, jul./dez., 2016.

conferir na íntegra o acontecido e possa por conta disso reportar alguma que outra explicação que leve ao entendimento que resultou no desastre em questão, quando uma pia batismal talhada em pedras grés foi seriamente danificada a fim de corresponder uma determinação isolada e de fundo “supostamente estético”. De todo modo, a sequência de imagens correspondem a uma trajetória de importância do afresco para com a localidade, situação que se mantém desde os idos da década de 1950.

Imagem 01 – Registro da pia batismal em pedra grés – anos 50/60. Acervo particular de Clóvis Benevenuto.



Imagem 02 – Pia batismal em pedra grés, traços e cor original – ano 2024, mês Março. Ao fundo o padroeiro barroco de Francisco de Borgia e Gandia.



Imagem 03 – Pia batismal em pedra grés quando traços e cores foram modificadas – ano 2024, mês Abril. Registro de Núbia Dutra.



Não demorou muito para que os fiéis que frequentam a igreja matriz, notassem algo esteticamente modificado. A danificamos da peça já foi reparada no mês de Abril de 2024, e conforme consta, foi uma ação que partiu do padre responsável pela paróquia, diga-se, responsável tanto pela execução da pintura externa como também das “melhorias” na parte interna da mesma.

Pensando nisto e já resumindo o uso de alguns tópicos a serem abordados ao longo da leitura, a investigação de momento foi construída a fim de denunciar o mau feito à memória patrimonial barroca, uma vez que o afresco simbolizava na sua originalidade de questão um pertencimento para todos os apreciadores da arte barroca, como do legado patrimonial assim mantido no imaginário das reduções índio-jesuíticas.

Confio, que o experimento que construímos às pressas, tende ainda ser aproveitado por todos os investigadores que se colocam de prontidão para situações dessa natureza ou tudo mais que venha a ser mais uma situação em meio a algumas cenas de desprestígio que já se puseram contrárias ao patrimônio reducional daquela e compreender por contínuo a descaracterização original do acervo.

Aproveitando a ocasião, começo esse preâmbulo recuperando o artigo *Viagem a Missões*, de autoria de João Pedro Gay³, que já na época de sua publicação causou um furor regional por conta do conteúdo que relatava. Aproveito de um escrito de época extenso, entretanto, revelador, que foi elaborado à pena e tinta pelo então pároco da antiga paróquia de São Borja.

Viagem a Missões

Começamos hoje a publicação de uma série de artigos com o título acima e que muito devem interessar a todos aqueles que se consagram ao estudo das coisas da província.

³João Pedro Gay, conforme análises de Abellardo Barreto (1973, p. 574-579), nasceu em Château-Roux (Altos Alpes, França), a 20 de novembro de 1815. Tudo indica que tenha sido influenciado por seu tio, o Padre Luís Gay, a seguir os ofícios religiosos. Em 1842, via diocese de Gap, obteve licença para se colocar a caminho da América. Teve uma passagem de 3 anos em Cerrito de Montevideo. Em princípios de 1843, viaja para o Rio de Janeiro e de lá seguiu para a Comarca de Laguna – Santa Catarina. Em 1847 foi nomeado vigário para a comarca de Alegrete e aí permaneceu até idos de 1848, quando decidiu realizar um novo concurso, em 1849. Em 24 de Fevereiro de 1850, assume seu concurso em São Borja, onde permanece por 24 anos. Deste tempo idealizou consideráveis realizações, chegando inclusive a fundar a maçonaria. Teve como amigo pessoal o botânico francês Aimé Bompland. Quis o destino que viesse a falecer em Uruguaiana, a 10 de maio de 1891, em decorrência dos ferimentos que teria acumulado ao ser atropelado por um carro (cavalo) em disparada. Fez mais de duzentos sermões. Foi correspondente do IHGB, elaborou consideráveis estudos sobre a região missioneira e foi prova ocular da invasão paraguaia em solo brasileiro. Ainda sobre a trajetória do religioso, conferir: COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo. Olhares sobre o patrimônio móvel missionário: considerações de um franco-brasileiro e sua importância para os inventários contemporâneos. In: *Patrimônio e Memória*. Vol. 16, n. 1, 2020.

A Viagem a Missões é uma descrição das regiões missioneiras da provincia, feita com accurado estudo e minudencia por pessoa que por muito tempo viajou e residiu naquelles lugares. Recomendamos, pois, ao público a leitura desses artigos, principalmente quando na actualidade trata-se de uma questão de limites com a Confederação Argentina, querendo, esta republica chamar-se á posse de uma parate daquelle fertil territorio que nos pertence⁴.

Nº 125 SABADO 3 DE JUNHO DE 1892 A TERCEIRA PARTE DO ARTIGO

Viagem a Missões

Hereux, si nos descriptions pervent faire eprouver a nos lecteurs quelque faible partie de l'enthousiasme, que nous saisis en presence de ces venerables restes des temps passés...

(BRETON).

Habitantes de Porto Alegre, habitantes das cidades e villas do littoral, ou das margens do Jacuhy, Taquary e Rio dos Sinos, quereis ter um prazer na vida?...

Quereis experimentar sensações de admiração e entusiasmo por alguma cousa grandisa, que encerra esta heroica provincia ... de alguma cousa que ahi jaz sepultada e entregue ao mais completo esquecimento?...

Quereis ver as reliquias de um passado tão glorioso, como o dessa epocha recente, que vos obceca de entusiasmo e nobre orgulho... alguma cousa que não perde de valor diante dessa epopéa legendaria, que vos dá certa preeminencia entre as demais províncias deste imperio immenso?...

Quereis saber, quanto vale, quanto se lucra em passar alguns dias na solidão e no ermo ?...

Ide viajar a Missões.

Não vos desanime, não vos desvie desse proposito as fadigas de uma longa viagem. Uma vez encetada, reconheceréis, que não vos será impossivel, nem sequer difficil terminal-a.

Não é custozo transpôr a campanha desde Rio Pardo ou desde a Cachoeira, sempre em redor dessa grande cordilheira, onde parece nunca se perderá de vista o magestoso serro de Botucarahy, tão celebrado nas lendas das *Agoas santas*, até chegar a hospitaleira cidade de Santa Maria.

D'ahi, se vos parecer, subireis a serra, ou pela colonia do Pinhal, ou pela picada da Bocca do Monte, passando pela sempre estacionaria villa d São Martinho ou tão somente por sua florescente rival a villa Rica.

Após tres ou quatro dias de jornada, pelas vastas campinas e valles da região serrana, ireis descobrir em seus lugares mais reconditos essas ruinas das Missões, e apreciar o pouco que dellas ainda resta. Assim o fazendo, não será perdido o vosso tempo, porque, como bem escreveu o sabio Zimmermann: "Em nenhuma parte como na *solidão* encontrar-se-ha uma fonte tão preciosa de idéias e sensações novas."

Se algum de vós tomar este sincero conselho, se transitar por taes lugares sem essa indiferença que de ordinario apodera-se da mór parte das pessoas, que cruzam as estradas, que ligam os sete povos, hoje reduzidos a cinco, tereis occasião de estudar e aprender muita couza, que ignoraes.

Nós, que vamos escrever estas linhas, desconhecendo tradicionalmente as Missões, tivemos occasião de vizital-as, ha vinte e cinco annos. Mais tarde, nã ha talvez cinco acnnos achando-nos accidentalmente na villa de Santo Angelo, uma melancolia profunda, uma aspiração indecisa impelliu-nos de novo para essas paragens ermas no intuito, de pela ultima vez (quem sabe?) contemplar essas ruínas venerandas, esses

⁴*Mercantil*. n. 122, quarta-feira 31 de Maio de 1882. A continuação da crônica se deu nos dois números seguintes do periódico, ns., 124, sexta-feira 2 de junho de 1882 e 125 – 3 de junho sabado de 1882.

monumentos da passada grandeza dos filhos de Loyola, ahi atirados a disposição de um povo semi-selvagem, que delles se apropria para os mais rudes e triviaes misteres.

Despertou-nos este desejo uma tarde em que, assentados sobre um enorme capitel de ordem toscana, contemplavamos o gosto artistico e por demais luxuoso do frontespicio da antiga igreja de Santo Angelo.

Esse capitel era o unico, que restava, companheiros de outros, que sustinham o alpendre em frente ao grande porto da entrada do collegio ao lado esquerdo da igreja. Os portaes, os baixos relevos e outros destroços importantissimos haviam desaparecido levados aos pedaços para a construção de paredes de casas, quando uma disposição da assembléa provincial mandou erigir nesse mesmo local uma nova freguezia.

Se fôra escolhida a alta coxilha, que se dilata a quem do rio – Ijuhy Grande, cortada por uma estrada de transito continuo, ou sobre a riba do magestoso Uruguay, com certeza a povoação seria hoje maior, teria outro aspecto, outro desenvolvimento commercial. - Se a nova villa lucrava sob taes pontos de vista, por outro lado as ruinas do antigo povo de Santo Angelo, taes quaes conheceremos em 1859, continuariam a dormir tranquilladas, dentro do espesso capão de mato, que sobre ellas se formara; esse por onde a custo uma vez penetramos.

Ahi sepultadas seriam outras tantas preciosas reliquias, que um dia, cuidadosamente examinadas, offereceriam larga mèsse para uma penna mais habil, ou um pincel amestrado, dar aos leitores idéa mais viva dessas bellezas architectonicas, como ainda hoje, nas mais adiantadas cidades do Brazil, não se encontram obras de arte em condições de as exceder ou simplesmente igualar.

Outra coisa quizeram improvisados publicistas. Elles não comprehenderam uma verdade. Os padres da companhia de Jezus, ou porque precisassem estar ao abrigo das invazões dos gentios, ou porque presentissem, que algum dia perderiam suas reduções, construíram-nas de modo, que só a elles podiam aproveitar.

Assim é, que foram assentadas sobre a eminencia das mais altas collinas, longe das vias fluviaes podendo sê-lo à beira destas, como por excepção de regra succedera com os povos da Cruz e S. Thomé, no territorio de Corrientes, longe mesmo dos regatos, que lhes forneciam agoa potavel; e, o que é mais, a consideravel distancia dos bosques e pedreiras d'onde extrahiram os materiaes para suas custozas edificações.

Uma vez conquistadas e occupadas por gente profana, sem a dedicação de milhares de braços dos indigenas, que os ajudaram a construir e sustentar edificios tão soberbos, gradualmente foram decahindo até o seu quasi completo anniquilamento. Eis a razão, porque todos os tentamos para restaurar taes povos, quer nesta, quer na margem opposta do Uruguay, tem sido improficuos. Os factos ahi estão para comprovar esta verdade.

Todas estas considerações fizeram-nos distrahir do ponto, em que nos achavamos, contemplando o frontespicio da antiga igreja de Santo Angelo. Mas, não desejando ser longos, permittireis, leitores, que, antes de fazer-vos acompanhar-nos nessa viagem projectada, vos façamos uma descripção daquella fachada soberba e de outras curiosidades artisticas que ainda se encontram na villa de Santo Angelo. É trabalho, de que nos occuparemos brevemente, sem que voz façamos esperar muito tempo.

(Continuação).

Je vous salue, ruines solitaires

VOLNEY⁵

5No periódico, *A estrela do sul*. Anno VI. Porto Alegre, Domingo 21 de Junho de 1868, n. 37; consta uma passagem com a seguinte tônica: *Volney e a Maçonaria*. "Em uma extensa nota á pagina 310 de seu famoso livro das Ruínas de Palmira, edição de Londres 1792, mas que teve-se o cuidado de supprimir em todas as traducções modernas, Volney diz o seguinte: Toda a associação, em geral, que tem mysterios por seu fundamento, e o juramento de guardar segredo, é uma lista de salteadores contra a sociedade, uma liga que se reduz a duas classes – Logradores e Logrados, ou por outra – Agentes e Instrumentos. É este o conceito que devemos fazer dos *clubs* ou sociedades secretas nocturnas, que, debaixo do nome de

... Depois, eu que já não tenho pai para affagar nos tedios e dôres da decrepidez, tomaria a meu cargo essas pobres ruínas, amparal-as-hia, como um filho, livral-as-hia dos olhos que tudo podem e tudo ouzam.

A. HERCULANO.

Antes de prosseguir diremos ao leitor indulgente uma verdade, que antepomos a todas quantas temos de relatar. Não escrevemos a descripção e impressões desta viagem, bem revelamos certos factos até hoje não divulgados, com o fim de adquirir para nossa humilde individualidade a menor recommendação.

Quem nos houver conhecido, em mais de meio de seculo de existencia, terá de fazer a justiça de acharmos muito longe de affagar qualquer pretensão aos fóros de autoridade no mundo litterario.

Baldos de sufficiente erudição, não reprehenderiamos um trabalho, pequeno embora, muito alheio a nossas aptidões, se não fôra o desejo de conjurar essa mocidade estudiosa a tomar sobre seus hombros vigorosos a historia das Missões brasileiras, tal como ainda não foi escripta em alguma dessas obras, mais ou menos volumosas, que contando muita cousa, apenas dão do todo uma superficial noticia.

Sendo unicamente esse o nosso desejo, limitamo-nos a apontar os lugares mais notaveis da vasta região missioneira, capaz de constituir, como succedeu outr'ora, uma provincia importantissima. Limitamo-nos a descrever o que resta desse paiz, um dos poucos sobre o orbe, que tem sido regido pela mais classica theocracia. Apontaremos as transformações, porque ha passado, embora nesse ponto nada digamos, que não seja de outros por demais sabido.

Mas, o que por modo algum deixará de ser minuciosamente venerandas, e que parecem condemnadas pelos reformadores ao mais completo e injusto aniquilamento. Seão conseguirmos salvar-as, pois que nossos hombros fraqueiam, temos fé não clamaremos em balde por mais robusta, por penna mais habil, que conte aos posteros, o que são e o que foram, os povos de Santo Angelo, São João Baptista, São Miguel, São Lourenço, São Luiz Gonzaga, São Nicolau e São Francisco de Borja, com suas monumentaes bazilicas, seus campanarios repletos de sinos, ahi mesmo fundidos, nada lhes faltando para a magestade do culto catholico.

Sim, queremos ver essas sete cidades, com sua construcção phalansterica, qual mais tarde sonhou Considerant, com seus deliciosos jardins, hortas abundantes, extensas lavouras, tendo o usufructo de mais de 5.000 leguas quadradas de terras, cobertas de bosques, onde colhiam dezenas de milhares de arrobas da mais superior herva matte, ou constando de campos extensissimos, onde se contaram acima de sessenta estancias abastecidas de gados, e onde existem muitas capellas attestando a propriedade ecclesiastica.

Não são estas menos dignas de serto estudo, do que o foram as importantes ruínas de Memphis e de Thebas, a das cem portas, ou as de Pompeia e Herculanium, ou as de Balbeck e de Palmyra, immortalizadas pela penna eloquente de Volney⁶.

Mas ou valham menos para os livres pensadores, ou seus destroços recordem uma historia menos importante, que a dos Santos Lugares, sempre é certo, que estas ruínas, as unicas que o Brazil possui, merecem um livro, que as perpetue.

Pra escrevê-lo, além do mais, que já dissemos, falta-nos sobretudo o tempo, que não é bastante para absorvê-lo o exercicio de uma profissão ingrata, e que só tem uma serventia, a de esterilizar o espirito.

A não ser isso tomaríamos o trabalho, que reservamos á intelligencia mais robusta, de fazer banir, por inservivel para o assumpto, certo livro volumoso e indigesto, que ahi circula, com o nome de um sacerdote francez, compatriotado neste Imperio, livro que é geralmente sabido, ter sido mal aproveitado e desenxabidamente vertido dos bem coordenados manuscritos do sabio companheiro de Humboldt [grifo nosso].

Iluminados, Martinistas, Cogliostroistas, Mesmeristas, Pedreiros Livres e outras, infestaram a Europa. Estas sociedades renovam as loucuras e fraudes dos antigos Cabalistas, Magos e Orficos que, no sentir de Plutarco, induzem a erros de grande monta não só os individuos, mas tambem os Reis e as Nações. pp. 294-295. (Grifo meu).

⁶Esta referindo-se ao livro *Ruínas de Palmira*, Ed. Londres, 1792, livro que Gay recorria para justificar as afirmações que dirigia a respeito das missões.

Uma vez, que chegamos a proferir uma proposição tão grave, pemitti, que, desde logo, a justifique, intercalando neste capitulo, o que reservamos para uma nota.

O sabio naturalista francez Aimè Bonpland, autor da *Vue des Cordeilleres* e outras obras instructivas, vindo depois do repellido e morte de sua protectora a imperatriz Josefina percorrer pela segunda vez a America do Sul, foi detido no Paraguay por ordem do dictador Francia.

Esse captiveiro durou doze annos , que não perdeu aquelle sabi. Adquiriu peloe estudo um completo conhecimento da lingua guarany, e della escreveu uma grammatica e dictionarios para uzo dos francezes e hespanhões. Além disso compôz uma historia em francez das Missões do Paraguay e Corrientes, com um appendice resumido sobre as do Brazil. Dessa obra publicou-se em vida do autor alguns excertos, traduzidos para os jornaes de Porto Alegre, quando elle, já restituído á liberdade, veio rezidir em São Borja, onde viveu vantajosamente da clynica.

Perdendo, já extremamente velho, aquelle vigor da intelligencia, foi morrer miseravelmente em Corrientes, deixando, em sua chacara de São Borja, os já citados manuscriptos e mais uma collecção de plantas da flora sul americana. Tudo isso ficara a cargo do tal padre, que em menos de tres annos publicou aquella volumosa historia; mas fêl-o com um estylo tão incorrecto e diffuzo, que bem demonstra ser uma pessima traducção do original francez, com algumas transformações, qu denunciam não ser da lavra do autor ostensivo a obra, que para seu castigo, tão pouca voga tem tido. A morte do sabio reformador do *Jardim das plantas do Malmaison* impediu-o de reclamar contra o roubo de sua propriedade litteraria, ou pelo menos dizer como o poeta:

Hos ego versiculos feci, tulit alter honores,

sic vos non vobis, mellificatis apes,

.....

Pedimo-vos, entretanto, mais um pouco de indulgencia.

Não leveis a mal, leitor, aproveitemos o ensejo, que veio *ad rem*, para corrigir um erro que imposto oficialmente, é ensinado nas escolas primarias e secudarias.

Um compendio de geographua, dir-se-ia melhor, da corographia rio-grandense, aprovado pelo conselhor director da instrucção publica, impresso com nitidez e luxo, cofundindo a colonia de Santo Angelo com a villa do mesmo nome diz: - "que esta deve sua origem ao estabelecimento de colonos alemães, e, crescendo em população, commercio etc. foi elevado á villa e cabeça de comarca".

Se o autor houvesse estudado alguma cousa (2) ou mesmo viajado, antes de escrever a sua obra, veria: - que são cousas muito distinctas a colonia e a villa de Santo Angelo.

Distantes entre si, para mais de 280 kilometros, existem: - a colonia na serra geral a margem do Jacuhy e municipio de Cachoeira. Entr este e o de Santo Angelo se intermedeiam o da Cruz Alta, de São Martinho, e mesmo o de Santa Maria; pois, quando se torna intransitavel a picada do Padilha, é pelo ultimo o caminho unico e possível entre aquelles dous pontos differentes, porém homonymos⁷.

A colonia teve realmente a origem, que lhe attribue o autor do compendio, mas, em perto de trinta annos, aina não pôde constituir uma freguezia! A villa de Santo Angelo, antiga redução dos jezuitas, que desaparecera, depois de sua reconstrucção progredindo mui lentamente, conta apezar disso, em seu recisto e suburbios mais de 800 habitantes, e 8,500, mais ou menos, nos tres districtos (2) que formam o municipio.

No antecedente e nos subsequentes capitulos damos, sobre a villa de Santo Angelo, outras noções, que não se encontram no *grande* livro da Republica Jezuitica do Paraguay, que tratanto n'um appendice das Missões Brasileiras commette erros indesculpaveis, para quem rezidiu nessa região, e nella por longo tempo exerceu proventozo encargo.

Postas estas reflexões passaremos adiante.

⁷Esta informação ele já havia registrado em outras correspondências.

(1) Ainda n 2ª edição desse compendio veio reproduzido esse em que, consta-nos, será no futuro emendado. Em todo o caso, é uma prova do quão pouco é estudada e conhecida a região missioneira.

(2) Esses districtos são: o da Villa, São Miel e Santa Tecla.

Viagem a Missões III

Le style general des monuments d'une contrée y est une image durable des differentes phases de la civilisation: ainsi on le voit s'elever, s'epurer, se degrader, suivant que la civilisation avance, se perfectionne ou decline.

(Lenoir).

Foi longo o preambulo, que fizemos, não ha duvida, preambulo, que consummiu dous capitulos!

Em compensação, porém, nos occuparemos agora da povoação de Santo Angelo, por onde vamos começar uma romaria pelos sete povos das Missões.

Já dissemos, que reflexões nos assaltaram, quando assentados sobre o velho capitel meio enterrado, em frente do frontespicio da decahida igreja. Agora permita o leito, conduzil-o mais perto, a fim de apreciarmos essa bella fachada de architectura mixta, em que mais predomina o estylo gothico. Com dez passos chegamos ao limiar do vão da grande porta principal. Ainda existe os portaes, soleiras e vergas com as competentes sanefas de pedra de grés, ligada a cimento, tão solida como no dia, em que o artista lhe imprimiu o ultimo traço.

Mas acima correm duas cumalhas tão bem combinadas, que, olhadas debaixo, parecem uma bordadura não menos trabalhosa, que elegante.

A' entrada da porta principal existem praticados na parede, que é de dous metros de espessura, dous nichos de fórma ogival, dentro de cada um dos quaes acha-se uma imagem de pedra representando um santo, vestido e paramentado, como para celebrar a missa.

Essas duas imagens, no longo periodo de mais de mais de seculo e meio, tem mantido inalteravel perfeição; apenas uma dellas tem a cabeça separada do tronco, resultado de uma queda, outros dizem: que de um projectil aremesso por mão damninha.

Toda a demais face do frontespicio, não fallando n'uma pequena porção ja apeada e cujos pedaços existem empilhados no chão, é cheia de arabescos, o que demonstra, que nesta grande igreja, a unica , que existia com certa proximidade dos espessos bosques de Ijuhy, ainda na terceira parte deste seculo povoados de bugres, quizeram os padres fundar uma redução que fosse o ponto de partida para outras, com que pretendiam enriquecer seus vastos dominiso, aquem do Uruguay.

Tão caprichosa solidez aqui se nota, que o frontespicio com suas pilastras, baixos relevos e outras obras de arte parece uma só mote de pedra. E entretanto, pelo que à custo desmanchou-se, para accommodal-o à pequenina matriz em construção, comprehende-se, que todo esse frontespicio era ornamentado com pequenos pedaços de pedra primorosamente esculptados.

Já não existiam as paredes lateraes e do fundo, que por menos solidas não resitiram ao martello dos demolidores.

Tambem desaparecera o collegio, a poetica e commoda habitação dos padres. Foi n'elle que no começo deste seculo se alojou a officialidade de dous corpos de linha, servindo-lhes de capellães dous padres, um dos quaes foi mais tarde o primeiro prelado desta diocese.

Recordamo-nos da leitura de uma carta do finado D. Feliciano Prates, dirigida ao reverendo José de N. Napoles Massa, contendo minuciosamente os episodios de um banquete, que ahi teve lugar, depois da celebração da missa, na Igreja muito maltratada e ja quazi em total abandono. Tudo isso, mais de duzentas casa de materiaes, cobertas de telhas, tendo nas frentes e em derredor das quadras uma longa varanda ou alpendre, sustentado por columnas de pedra de fórma hexagonal, tudo desabára. Em 1859 todo o perimetro da extincta redução existia envolvido por um espesso capão de matos, cheio de urzes e espinhos, vivenda de reptis e bichos ferozes. Ahi era difficilimo e mesmo perigozo penetrar.

Foi nesse anno, que pretendendo dar-se execução á lei provincial, que restabelecera a parochia de Santo Angelo, suppressida após a conquista de 1801, propôz-se um abastado proprietario do districto, o finao Antonio Manoel d'Oliveira, mandar abrir caminho até um dos angulos da antiga praça.

Ahi construiu elle com grande proção dos velhos materiaes a casa unica, que no anno seguinte começou e tem continuado a servir de igreja matriz, havendo sido tambem residencia do primeiro parochio nomeado.

Desde então muito outros fazendeiros foram tratando de construir uma casa na povoação; mas, ainda aproveitando todo o material da primitiva construcção, nem assim a villa de Santo Angelo contém hoje mais de sessenta casas habitadas desde a mais *sumptuosa* até o mais pobre albergue.

Toda a columnata da praça e do collegio foi desfeita sem deixar vetigios, e ahi está nas paredes das casas novas, ou nos muros dos quintaes !

Que contraste horrivel entre o passado e o presente?!

Desappareceu igualmente a grande quinta e pomarm nada resta enfim dos antigos trabalhos á excepção da parte do frontespicio, de que tratamos. A nova povoação, porém, foi reinstallada a parochia, já não existia uma só das imagens, um só dos nove altes providos de alfaías e ricos ornamentos para todas as festas do anno; restavam apenas trez ou quatro sinos velhos, que servem para convidar os fieis á oração, ou (antes não servissem) para os dobres funereos. Bem triste cousa é ouvil-os em uma povoação tão monotona e merencoria.

Cançados e aborrecidos do interior de Santo Angelo tomamos a estrada, que se dirige ao lugar denominado Atafona.

Em curta distancia fica o cemiterio, e nelle entramos para apreciar um dos mais bellos trabalhos sahidos das mãos do artista, que o preparou. É uma cruz archiepiscopal (de quatro braços) feita de uma só pedr, lavrada com toda paciencia e perfeição.

Essa cruz existia no cemiterio de São Lourenço; d'ahi trouxeram-na partindo o poial, que a sustentava. Como era então, não podia um homem á cavallo alcançar os dous primeiros braços.

Depois do exame desse magnifico trabalho, resolvemos ir fazer pouzo em uma chacara, fóra dos limites urbanos, afim de partirmos d'ahi com mais alguns companheiros em direcção aos outros povos.

Apezxa de confortavelmente agazalhados, não pudemos conciliar o somno, ouvindo sem cessar o monotono de um *monjóllo*, que toda a noite trabalhou socando milho.

É realmente uma invenção bem estúpida o tal *monjóllo*. Consiste em um grande pau falquejado de modo, que uma das extremidades fique mais aguda, a outra chata como uma pá. Nesta faz-se uma cavidade, e na outra prega-se uma mão de pilão. No meio existe um eixo com o qual fica prezo a um outro pau. Esse aparelho e o tal pilão, são assentados á beira de um arroio, do qual por uma bica se desvia a agua para a tal cavidade de pá; logo que esta fica cheia desce com o pezo da agua, que tambem logo cahe, fazendo com que a mão bata no pilão triturando o milho, a mesma herba matte, o que se quer moer enfim.

Um dia, uma noite e mais, dura essa operação, que á braço poderia fazer-se em pouco mais de uma hora!

Que lhes preste e invento.

Em termos gerais, as análises que colocam em pauta os patrimônios móveis das antigas reduções são revigorados de modo a provocar explicações aos seus contornos, formas e usos. No que diz respeito aos relatos de Cônego Gay, tais ornamentos continham uma memória contemplativa. Foi assim que em 29 de Agosto de 1859, ele fez o seguinte apelo para o Presidente da Província de São Pedro do Sul e em cópia ao

Marquês de São Vicente, diga-se, naquela altura, Presidente do Conselho de Ministros, magistrado responsável pelo Supremo Tribunal de Justiça:

29 de Agosto de 1850:

Il^{mo} e Ex^{mo}Snr

Cumprindo com minhas obrigações parochiaes, cheguei ultimamente até o antigo povo de S. Luiz que faz parte desta freguezia o qual achei muito arruinado e tive o desgosto de ver a magestosa Igreja que alli estava levantada quazi reduzida á um montão de ruínas. As paredes estão ainda em pé, porém em tal estado de degradação, que de repente tudo ha de cahir. Entretanto encontrei ainda na dita Igreja alguns objectos que podem (ainda)⁸ ser uteis e que sem duvida hão de se perder se se descuidarem de os porém promptamente a'salvo. Por isso, tenho a honra de pedir á V^a. Ex^{ia} que se digne concede-los á esta Matriz de S. Borja que se esta edificando e qual d'ellas ha de precisar; d'esta maneira se evitara maior despeza. Os objectos que peço á V^a. Ex^{ia} para a matriz de São Borja e que se achão em São Luiz são: 1º Dous retablos; 2º um lavatorio de sacristia completo; 3º Tres pias, das quaes uma de baptismo duas de agoa benta; 4º um sino dos tres que alli se achão 5º Algumas Imagens de Santos; 6º umas cadeiras de espaldar para os sacerdotes que servem ao Altar. 7º Enfim uma pedra d'aro, umas portas para a nova Matriz, alg^{as} lages e alg^{ns} outros objectos que podem servir se ha possibilidade de as poder conduzir até esta villa. Teho a doce esperança de que V^a. Ex^{ia} se dignará conceder à matriz de São Borja, os objectos que acima referi e que sem isso ficarão perdidos. A villa de São Borja as aproveitará e por este novo beneficio feito á Igreja que estou parochiando, V^a. Ex^{ia} adquirirá mais um titulo poderoso para minha gratidão.

Deus Guarde à V^a. Ex^{ia} muitos annos .

Villa de S. Borja, em 29 de Agosto de 1850.

Il^{mo} e Ex^{mo}Snr Conselheiro José Ant^o Pimenta Bueno

dig.^{mo} Presidente da provincia de S. Pedro do Sul.

O Vigario: João Pedro Gay⁹

Imediatamente, sobressai do conteúdo desse telegrama que a perspectiva sugerida pelo vigário consistia em chamar a atenção para as práticas um tanto quanto costumeiras de época. Para tanto, seus interesses para com os afrescos despontou em decorrência de um possível reaproveitamento dos mesmos ao ornamento da igreja de São Borja – que para a oportunidade encontrava-se em compasso de restauro¹⁰. Incansavelmente, o francês fez consideráveis revelações ao contexto de fundo.

8Gay rasurou a palavra ainda.

9A.H.R.G.S. AR 12 MAÇO 24. Clero Católico – Paróquias.

¹⁰O dito estágio de restuaro ou edificação (outro termo muito empregado ao problema de fundo) que supostamente se encontrava a igreja de São Borja, de fato nunca aconteceu. Contudo, várias foram as tentativas de Cônego Gay e seus antecessores para que esse fato se tornasse real. O problema já havia sido alertado nos idos de 1833, pelo então padre Cariolano dos Passos. Ao momento de chegada de Gay, as ações são retomadas e nota-se uma movimentação consistente no ano de 1846 – um ano antes da sua chegada à vila de São Borja. Contudo, a sequência de fatos atribuídos ao problema ganhou novas características assim

A vista do que estamos tratando, os patrimônios em verdade materializam no imaginário imóvel da comunidade do passado sobre uma potencialidade que não foi bem aproveitada pelas gerações posteriores. E nestas condições nunca que é demais lembrar o fato que ao falar de patrimônios estamos também, debatendo a importância dos mesmos para o entendimento simbólico mais candente, como é o caso da memória ou das identidades que possam estar envolvidas para com a temática de fundo. Situações estas, que também precisaram ser conhecidas por João Pedro Gay, a fim de não se mostrar desconhecedor da importância que conferia o viver missioneiro.

É preciso tecer um comentário, não por menos breve, sobre as influências ou pensadores que supostamente tiveram uma importância nas concepções advertidas por João Pedro Gay – no que tange a leitura patrimonial que detinha. Em alguns rascunhos, que por opção aproveitaremos dedutivamente em outra oportunidade, é possível constatar que o francês mantinha suas inspirações em Plutarco, Platão, Rousseau, Montaigne e Volney. Em resumo, se apoiava teoricamente em pensadores dedicados a explicar a sociedade na qual viviam sem deixar de se reconhecer como continuidade de ruínas passadas. E o patrimônio, naquelas condições, significava para o religioso o elo que lhe mantinha ávido com os tempos áureos do catolicismo que havia assumido enquanto ofício. Aliás, traduzir algumas concepções ontológicas daquele personagem frente ao desespero que lhe acompanhava, em comparação a um desuso recorrente daqueles patrimônios, foi por demais recorrente. Não por acaso, parte do conteúdo deixa entender que o religioso se mostrava demasiadamente desgostoso com o desmando aplicado ao uso do acervo. E o acúmulo de desgaste, já quanto notório nas suas exposições, ganhava forma por que ele conseguia expor, por intermédio de tantas reivindicações formalizadas, outros interesses de época que não a preservação do bem móvel. De modo um tanto quanto esclarecedor, Gay fez a seguinte revelação:

Il^{mo} e Ex^{mo} Snr

Tenho a honra de participar à V. Ex^{ia} que indo em principios deste mes em visita parochial ao antigo Povo de S. Luiz em Missões, achei o Collegio dos Jesuítas ocupado por quatro familias e o quadro da praça, que com o Collegio são proprios Nacionaes ocupado por oito familias das quaes quatro são negociantes. No telhado da Igreja em ruinas reparei falta de uma porção de telhas que me disserão terem sido tiradas por dous figurões.

Apezar de não estarem mais sob minha vigilancia varios objectos por determinação do antecessor de V. Ex^{ia} recomendei muito a conservação dos

que o vigário e demais autoridades interessadas da temática descobriram um desvio supostamente praticado pelo construtor do templo, o italiano Valdir Scolla. Desde então, os fatos deixaram de conter importância para a Thesouraria da Província e, como se não bastasse, coube à Cônego Gay reservar-se em angústias por não ver seu templo restaurado até o momento da sua despedida da villa (1874).

Imagens que ainda ali se achão. Corta o coração Ex^{mo} Snr, à ver a maneira desembaraçada com que ahi e nos mais Povos cada um determina à seu bel prazer do que pertenceo aos Povos, ora cortando arvores, laranjeiras, ora carregando e raxando madeiras preciosas. Desde 1851, tenho escripto à Presidencia à este respeito; e o faço ainda uma vez, confiando no zelo patriótico de V. Ex^{ia} que de certo dará alg.^a providencia à este respeito, e eu ficarei em fim consolado vendo que minhas incessantes reclamações não ficarão sem effeito.

Deus Guard à V. Ex^{ia} muitos annos.

Villa de S. Borja, 11 de Agosto de 1858.

Il^{mo} e Ex^{mo} Snr Conselheiro Angelo Moniz da S^a Ferraz.

Senador do Imperio e Dig^{mo} Presidente desta Provincia.

O Vigario: João Pedro Gay¹¹

Essas situações, segundo nossa interpretação, estiveram de alguma forma dispostas a um cenário de incertezas que justificaria a atuação de destaque do nosso personagem. E é amparado às mesmas que propomos uma dupla legibilidade de eventos, tendo presente o fato e o reconhecimento histórico perante o uso da informação e os procedimentos que poderiam ter sido adotados na tentativa de amparar os bens móveis missioneiros. Isto de modo a não deixar que se confundissem a uma paisagem de letargia que, segundo consta, já atingia proporções consideráveis ao ponto de não mais chamar a atenção das autoridades competentes.

Com o tempo, passamos a perceber que a atuação de João Pedro Gay concluiu em duas hipóteses similares: a) tornar do contexto uma parte do imaginário local – como aqui se depreende; b) gerar, por intermédio do registro, uma política de preservação – algo possivelmente mais digno, frente à insistência e empenhos alogidos pelo vigário na época dos registros. Todavia, qualquer que seja a contribuição dada, aqui, ao desfecho acurado das perdas, elas só estarão a legitimar fatos que o próprio Gay já demonstrara com propriedade tratar-se de uma tarefa audaciosa.

Conquanto, por conta dos seus registros, é possível advertir uma série dramática sobre um conjunto patrimonial que já foi desperdiçado. Talvez por isso, a sensibilidade é parte contígua ao conteúdo do religioso e, sob a luz da mesma, fica a impressão que mantemos uma relação afetiva para com um acervo que segue a sofrer sérias deformações.

De toda sorte, o conteúdo assumido por aquele nada mais é do que incontáveis registros sobre objetos perdidos ao longo dos séculos. E dos efeitos irreversíveis fica um demonstrativo fiel aos nossos dias, do quando é difícil se fazer engajado para fatos desse agravo ou para outras situações de difícil convencimento – como, por exemplo, convencer um proprietário de uma peça que a sua posse foi, num passado, uma apropriação da

¹¹A.H.R.G.S. AR.12 MAÇO 24 Clero Católico – Paróquias.

identidade de outros vários. Nestas condições, torna-se coerente entender os erros cometidos no passado estão à espreita, pois podem, evidentemente, voltar a se repetir. E como reação a esses acontecimentos, fica fácil entender que o descaso reverte-se, potencialmente, a um sentimento de impotência. Consecutivamente nos faz interrogar nossas ações no tempo presente – ou o que de fato estamos alcançando quando nos mostramos pacientes e convictos a uma política de conscientização patrimonial. Mas eis uma circunstância não compreendida, aparentemente, pelo personagem histórico que tentou com todas as suas forças chamar vistas para o problema da preservação: talvez, desconhecesse que “de outro lado, a estatutária, no início do século XIX, tinha mais valor de uso do que de mercado” (ALHERT, 2011, p. 184).

A despeito, os patrimônios precisariam passar por uma definição de fundo que consiste inicialmente; conhecer que princípios e práticas sustentam a vitalidade dos territórios que transcendem o tempo imediato, conferindo-os como interesses que precisaram ser lançados no passado que os elaborou. Dito de outra forma, estamos a curso do inviável historicamente, uma vez que não podemos recuperar no presente aquilo que foi desfeito (KOSELLECK, 2006).

E o desfeito nesse caso, é algo ainda recente. E é precisamente aí, que chegamos a conclusão que não temos força suficiente para sequer mudar o curso daquilo que demonstra ser o inevitável. E aos poucos, chegamos ao conhecimento que o máximo que alcançamos é uma *representança*, isto é, a representação do passado a partir do que conseguimos construir por intermédio de discurso histórico que passa a ser projeto a partir daquilo que deixou de existir ou que já aconteceu (RICOUER, 2012).

Acerca disso, me cabe admitir, que não saio mais erudito depois da realização desse artigo, ao contrário, me verifico um tanto modificado. Refaço-me por conta de uma indignação que acompanha alguém que conhece a História reducional e sabe o peso que é para preservá-la. Conquanto, hoje, ao contrário, de outras experiências de natureza semelhante, como à exemplo, a frustrada tentativa de reconhecimento do sítio histórico (2007), ou ainda, a ausência de desconhecimento que gerou na desorientação da antiga botica reducional (2019) para fins de conceder um patrimônio para um consagrada franquia de roupas, consigo fazer do fato mais recente um alhures inesgotável de polêmicas.

Ora, estamos convencidos de que um raciocínio divergente permitiria sistematizar uma sensibilização coletiva ao porvir? A História, dentre as muitas coisas que oferece, não se caracteriza por um acompanhamento linear de formação patrimonial. Arrisco a

dizer, que o acesso ao letramento patrimonial é um problema (a) histórico, uma vez que, aqueles que promovem qualquer ato que ataque a um patrimônio, está ele, também, atentando contra uma memória patrimonial da longa duração.

Não obstante, pouco mais que chamar atenção para um novo registro de recorrência e de atentados aos patrimônios do período missionário da cidade de São Borja, o que reflito, está muito comprometido a demonstrar a frustração que acompanha a todos aqueles que se importam com o problema do que propriamente esvanecer as particularidades.

Essa interpretação das particularidades que é de fato, um (re) fazer a partir do mau feito têm sua origem teórica naquilo que a Escola dos Anales, conferiu ser um compromisso de vigilância com o presente, ou quando fica reservado, a nós, historiadores, construirmos narrativas que possam dar conta da continuidade a partir de um “passado traumático”¹². E as situações de desfiguração do acervo barroco já estão assumindo essa característica, uma vez que são desprestigiados recorrentemente e o pior, sem qualquer resposta eficiente que coíba ações outras ou de proporções equivalentes. Em tempo, é bom que se diga, que as peças contam a história de um povo e não apenas aquilo que é considerado importante para uma igreja ou grupos outros de poder e de fins mercadológicos.

E o caso que envolve o evento em questão, é uma demonstração fiel a esse entendimento. Pois, por mais que a pia batismal, esteja sob responsabilidade da igreja matriz, simultaneamente, ela também é uma memória afetiva de todos aqueles que tiveram em algum momento das suas vidas algum contato que fosse com o bem patrimonial.

ALÉM DE NÓS, UM PATRIMÔNIO. FORMAS INTELIGÍVEIS PARA UM PRESERVAR DURADOURO

“[...] o não lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros”.

¹²LEBVRE, Lucien. Editorial presença, 1989. *Combates pela História I*. BLOCH, Marc. *Apologia para la historia o el oficio de historiador*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

Dentre as muitas concepções que ficaram admitidas a Aristóteles, uma em especial, me faz pensar distinções pela estranheza que fizemos dos momentos que nos conferem o próprio existir (o tempo que estou). Reporto-me, em especial, quando o pensador admite que o que nos faz distinguir uma coisa da outra é a forma inteligível que executamos sobre o estado das formas e matérias. Forma, ou melhor a *Noésys*, é o pensamento individual que cada um faz das coisas. A *h'yle*, no entanto, é a sensibilidade que executamos e passamos a julgar de uma matéria em detrimento de outra. Tratar-se-ia da leitura de realidade que se posiciona sobre todos.

Com o tempo, essa lógica se mostrou muito contida e assim passamos a nos convencer a ter de abandonar o que parece velho, substituindo-o por aquilo que parece mais atraente e aparentemente moderno. Ao curso disto foi se moldando coletivamente uma ação nada pedagógica de tomar a parte pelo todo. Que nas palavras de Candéau, ganham um contorno ainda mais dramático, uma vez que “compreender e aceitar isso é aceitar perder o Antigo para que o novo possa nascer (CANDEAU, 2016, p. 194). De fato, se aproximarmos esse pensar dual, estaríamos a curso de “novos imprevistos patrimoniais”.

Nestas condições, se confere que de alguma forma o desafio, então, está em aprender com as “lições do passado” e deixar para os que vem a frente um exemplo de civilidade patrimonial por algo que não foi, por nós, construído. É preciso, entretanto, estimular ações que não deixem cair em esquecimento a memória afetiva mantida pela comunidade no correr da trajetória histórica. E, por mais desconfortáveis que sejam as comparações de condutas entre os agentes do passado e os agentes do presente, elas devem prevalecer, pois somente assim conseguiremos aproximar dois paradigmas rivais que hoje dificultam a leitura da gravidade em questão.

O desconhecimento de causa é tão impactante que acaba até deixando transmitir a falsa impressão que a pia batismal da matriz de São Borja tratar-se-ia de um bem de uso litúrgico onde seu caráter sacramental estaria condicionado à um patamar infinitamente superior pelo simples fato de estar e servir para fins inerentes ao culto religioso do que pela importância histórico patrimonial que lhe abarca.

Como modificar tudo isso? Confesso não ter até o momento um caminho definido que favoreça tamanha inversão de lógica, mas por conta dos insucessos que já

pude presenciar, me atrevo a dizer que o problema gira em torno de uma mudança de comportamento para com os patrimônios. É necessário fazer com que os setores competentes de salvaguarda e também de gerência local se atenham a acompanhar a advertência já feita por Jörn Rüsen (2007), que reposiciona os traumas das consciências históricas como soma das operações mentais que não ficaram bem posicionadas quando das experiências vivenciadas.

Bem vistas as coisas, tudo é compreensível, o difícil mesmo é provar os motivos que levaram a tamanha sandice. E, nesse caso, ao que me consta, muitos são os motivos que precisam ainda ser esclarecidos por parte dos responsáveis episcopais da igreja matriz de São Borja para que possamos, enquanto comunidade de uma memória patrimonial, encontrar alguma lógica que leve a explicação para o (des)serviço e mau feito que foram praticados para com um bem que por certo, patrimonialmente falando, é uma peça que carrega incontáveis histórias.

Ao fim e ao cabo, é preciso que passemos a compreender que em territórios onde pairam ruínas, sempre seremos aprendizes e, na certeza disso encerro esse artigo me colocando divergente das consciências que pouco ou nada se importam com o peso do passado patrimonial, e reconhecendo o caminho que foi inicialmente ilustrado por Conde de Volney, reafirmo: “Je vous salue, ruines solitaires”.

ACERVOS E ARQUIVOS DE CONSULTA

A.F.P.C.B. **Acervo fotográfico pessoal Clóvis Benevenuto**. São Borja.

A.H.R.G.S. **Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre.

A.P.J. H.C. **Arquivo Público José Hipólito da Costa**. Porto Alegre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A estrela do sul. Anno VI, n. 37. Porto Alegre, Domingo 21 de Junho de 1868.

ALHERT, Jacqueline. Ruínas na terra do porvir. In: **Missões em Mosaico. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências**. COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo (Orgs.). Porto Alegre: Faith, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.

BLOCH, Marc. **Apología para la historia o el oficio de historiador**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CANDEAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo. Olhares sobre o patrimônio móvel missioneiro: considerações de um franco-brasileiro e sua importância para os inventários contemporâneos. In: **Patrimônio e Memória**. Vol. 16, n. 1, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio, 2006.

LEBVRE, Lucien. **Combates pela História I**. Editorial presença, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

GAY, João Pedro. Viagem as Missões In: **Mercantil**. n. 122, quarta-feira 31 de Maio de 1882. n. 124, sexta-feira, 2 de junho de 1882 e n. 125, sábado, 3 de junho de 1882.

PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil - Argentina. In: **Eure**, v. 40, n. 120, 2014.

PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo; RETAMOSO, Alex Sander. Comunidades tradicionais, marcadores territoriais e identidades sociais: um novo pensar do desenvolvimento territorial transfronteiriço entre antigas reduções missioneiras. In: **Perspectiva Geográfica**. Marechal Cândido Rondon, Ed. Esp., v. 11, p. 105-116, jul./dez., 2016.

RICOUER. Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2012.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história. Os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

VOLNEY, Conde de., Constantin-François Chasseboeuf (1791). **Les ruines, ou Méditations sur les révolutions des empires, suivies de la loi Naturelle**. Paris: Legare Street Press, 2022.